



O REPOSITÓRIO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA: UM OLHAR PARA ESTUDOS SOBRE SURDEZ

THE RESEARCH REPOSITORY IN INCLUSIVE MATHEMATICS EDUCATION: A LOOK AT DEAF STUDIES

Thamires Belo de Jesus¹; Mylena Sarah Louzada Rodrigues²

RESUMO

O presente trabalho surgiu de inquietações das autoras sobre os estudos realizados por professores de matemática sobre educação matemática e surdez e compartilhados em diferentes eventos científicos. Nesse sentido, o artigo é um desdobramento de um projeto de Iniciação Tecnológica que criou o Repositório de Pesquisas em Educação Matemática Inclusiva (REPEMI). Objetivamos apresentar o processo de construção do repositório e um retrato das pesquisas mapeadas que compõem o acervo. Como percurso metodológico, foram mapeados os trabalhos de todas as edições de três importantes eventos, a saber: Encontro Nacional de Educação Matemática, Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática e Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva. Posteriormente analisamos os textos que abordavam experiências com estudantes surdos e discutimos dois aspectos: o campo da matemática predominante e o nível de ensino. O levantamento de dados apresentou boas perspectivas da abrangência dos estudos sobre educação matemática e surdez, em especial no ensino fundamental. Entretanto, nossa investigação aponta a necessidade de maiores estudos no ensino médio, superior e Educação de jovens e adultos. Em relação ao campo da matemática predominante nos estudos, nota-se a concentração nos campos da geometria e números. Ademais, ressaltamos a importância, tanto para o campo educacional quanto para o campo da pesquisa, de conhecer estudos que são realizados por professores que ensinam matemática para estudantes surdos. Visto que esses trabalhos apresentam retratos das relações vivenciadas no chão da escola.

Palavras-chave: educação matemática; surdez; repositório de pesquisas; experiências docentes.

ABSTRACT

The present work arose from the authors' concerns about the studies carried out by mathematics teachers on mathematics education and deafness and shared in different scientific events. In this sense, the article is an offshoot of a Technological Initiation project that created the Repository

¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Professora do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Ministro Salgado Filho, nº 1000, Bairro Soteco, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, CEP: 29106-010. E-mail: thamiresb@ifes.edu.br

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6809-3387>.

² Licencianda em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Endereço para correspondência: Avenida Ministro Salgado Filho, nº 1000, Bairro Soteco, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, CEP: 29106-010. E-mail: mylenasarah123@gmail.com

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6690-7914>.



of Research in Inclusive Mathematics Education (REPEMI). We aim to present the process of building the repository and a portrait of the mapped research that make up the collection. As a methodological path, the works of all editions of three important events were mapped, namely: National Meeting on Mathematics Education, International Seminar on Research in Mathematics Education and National Meeting on Inclusive Mathematics Education. Afterwards, we analyzed the texts that addressed experiences with deaf students and mapped two aspects: the predominant field of mathematics and the level of education. The data survey presented good perspectives on the scope of studies on mathematics education and deafness, especially in elementary school. However, our investigation points to the need for further studies in secondary and higher education and in youth and adult education. In relation to the predominant field of mathematics in studies, there is a concentration in the fields of geometry and numbers. Furthermore, we emphasize the importance, both for the educational field and for the research field, of knowing studies that are carried out by teachers who teach mathematics to deaf students. Since these works present portraits of the relationships experienced on the school floor.

Keywords: mathematics education; deafness; research repository; teaching experiences.

Introdução

A escola se constitui um importante laboratório para estabelecimento de estudos científicos sobre o ensino de matemática junto a estudantes surdos. Neste ambiente, professores e estudantes, juntamente com o apoio pedagógico e técnico, estabelecem práticas pedagógicas que, em certa medida, vão mostrar como tem caminhado o processo de ensino e aprendizagem no contexto da surdez.

O conhecimento das práticas estabelecidas no chão da escola é de fundamental importância para o desenvolvimento de pesquisas, uma vez que, as tendências em educação matemática precisam estar em constante diálogo com a prática. A teoria e a prática precisam caminhar juntas na pesquisa em Educação Matemática (LERMAN, 2004).

Dentro dessa seara de diálogos entre teorias e práticas, a surdez se constitui como um campo de pesquisa com diferentes concepções. Em nossa perspectiva a surdez é entendida pela visão sócio-antropológica, que traz como caráter essencial para educação dos surdos a linguagem e as relações sociais. Nessa visão

[...] os surdos formam uma comunidade linguística minoritária caracterizada por compartilhar uma língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. A língua de sinais constitui o elemento identitário dos surdos, e o fato de constituir-se em comunidade significa que compartilham e conhecem os usos e normas de uso da mesma língua já que interagem cotidianamente em um processo comunicativo eficaz e eficiente. Isto é, desenvolvem as competências linguística e comunicativa – e cognitiva por meio do uso da língua de sinais própria de cada comunidade de surdos (SKLIAR, 1997, p. 102).



As características que constituem os surdos, enquanto comunidade, precisam ser reconhecidas e exploradas no ambiente educacional, independente se a escola é especializada ou comum. Não é objeto desta pesquisa discutir qual o melhor espaço escolar para os surdos, mas contribuir, dentro de nosso espaço de atuação – a escola comum – com um processo de ensino e de aprendizagem que seja inclusivo e de qualidade. Para tanto, torna-se necessário entender de que forma as práticas estão sendo estabelecidas junto a estudantes surdos por professores que ensinam matemática.

Nesse contexto, o presente artigo se desdobra de uma pesquisa do Programa Institucional de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI)³, desenvolvida no GPEMI – Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva⁴ em 2020-2021. Objetivamos mapear e analisar os estudos práticos compartilhados por professores sobre educação matemática e surdez em eventos científicos. Para isso, analisamos os textos publicados em todas as edições do Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM), Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática (SIPEM) e Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI). Espera-se que este estudo contribua com o maior conhecimento das práticas docentes que são estabelecidas por professores que ensinam matemática junto a estudantes surdos, além de possibilitar consultas por outros professores de matemática que almejam trabalhar numa perspectiva inclusiva

Aqui, iniciamos o debate discutindo as marcas culturais da comunidade surda e o papel da escola nesse processo. Em seguida, explicamos a metodologia usada para a coleta e análise dos dados. Depois, debatemos os resultados obtidos e, por fim, tecemos algumas considerações.

Marcas culturais da comunidade surda e o papel da escola

A compreensão das práticas desenvolvidas junto a estudantes surdos no ambiente escolar demanda uma reflexão sobre o conceito de escola. Segundo Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 92):

³ O referido projeto recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e está registrado na Pró-Reitoria de Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo.

⁴ GPEMI é um grupo de pesquisa que reúne professores pesquisadores capixabas que investigam Educação Matemática numa perspectiva inclusiva buscando promover reflexões sobre o processo de ensino e de aprendizagem no campo educacional. Para mais informações, acesse <https://sites.google.com/view/gpemi>.



A escola é um espaço onde o ensino se exerce de forma intencional a partir de um conjunto de princípios selecionados que guiarão professores e alunos, bem como todos aqueles que direta e/ou indiretamente se relacionam com ela. Com a tarefa de educar, a escola é uma das grandes máquinas que trabalham na produção de sujeitos dóceis, adaptados a um tipo de sociedade.

Nessa trama, todos os sujeitos que passam pela escola carregam marcas deixadas por ela. Entretanto, quando se trata da comunidade surda, essas marcas são ainda mais evidenciadas, visto que, esta comunidade tem a escola como espaço de possibilidades de existência (LOPES; VEIGA-NETO, 2006).

Lopes (2011, p. 79) destaca que:

Os muitos movimentos surdos no Brasil, principalmente os que começaram na década de 1990, lutavam (e continuam lutando) por uma escola para surdos; uma escola que compreendesse (e compreenda) a diferença surda dentro de um registro antropológico e cultural, e não mais médico-terapêutico.

Quando tratamos de escola, especializadas ou comuns, estamos nos referindo a uma instituição composta de pessoas, surdas ou não, marcadas pela diferença e, essas instituições enfrentam diariamente os desafios de proporcionar um ensino de qualidade.

Apesar da histórica luta da comunidade surda, ainda é recente o registro de marcos legais em prol do reconhecimento de suas diferenças linguísticas, sociais e culturais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) só foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão em 2002 com a Lei nº 10.436, apesar de não ser a segunda língua oficial do Brasil. Além do reconhecimento da Libras, a lei estabelece o seu entendimento como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, p. 1).

A Lei nº 10.436 teve impacto não só nos ambientes escolares, mas também em todas os setores da sociedade, visto que ela propõe em seus artigos 2º, 3º e 4º:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de



formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Entretanto, o reconhecimento legal da Libras não impactou imediatamente na regulamentação do profissional responsável pela sua interpretação e tradução. Visto que, a regulamentação da profissão do Tradutor e Intérprete da Libras foi oficializada oito anos depois com a Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010. Ela delimita que:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

As reflexões anteriores sinalizam a importância da escola dentro das reivindicações dos movimentos surdos. Esses apontamentos demarcam a necessidade de maiores reflexões a respeito da função da escola para os surdos, enquanto comunidade. “A comunidade surda tem, ao longo dos anos, transformado o espaço escolar em um lugar de sua própria construção. Como um lugar de encontro, os surdos transformam a escola em um campo frutífero de articulação e invenção de marcas culturais” (LOPES E VEIGANETO, 2006, p. 92).

Entendemos o surdo como um sujeito diferente e, como qualquer pessoa, tem suas dificuldades e capacidades, tem seus anseios e lutas. Neste contexto o papel da escola e de seus agentes é oferecer condições para que todas as pessoas, surdas ou não, tenham acesso a um ensino de qualidade, com um acompanhamento durante o processo de aprendizagem.

Com o reconhecimento da diferença, as estratégias de ensino deixam de ser pensadas sob um olhar da falta, de modo que, passam a ser pensadas a partir das características particulares de cada indivíduo, que, pela presença de elementos que os tornam diferentes, permitem tipos diferentes de metodologias de ensino. Tais metodologias, por sua vez, podem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de outros estudantes, independentemente de suas diferenças.



Caminho Metodológico

Ao longo deste artigo buscamos mapear e analisar trabalhos que discutem práticas vivenciadas por professores que ensinam matemática junto a estudantes surdos. Para isso tomou-se como corpus de análise os textos publicados nos ENEM, SIPEM e ENEMI disponibilizados no Repositório de Pesquisas em Educação Matemática Inclusiva (REPEMI), espaço virtual desenvolvido pelo grupo GPEMI que reúne experiências sobre educação matemática e surdez.

O mapeamento dos trabalhos foi realizado conforme um protocolo de busca, seleção e análise. Foram mapeadas todas as edições do Encontro Nacional de Educação Matemática, Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática e Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva, compreendendo um espaço temporal 1987-2020, que compreende a primeira edição do ENEM até o evento mais recente, II ENEMI.

Os textos selecionados continham no título ou no corpo do trabalho os descritores “surdez”, “surdo”, “surda”, “língua”, “deficiência auditiva”, “deficiente auditivo”, “intérprete”, “língua” e “Libras”. Destacamos que, apesar do atual desuso, os termos “deficiente auditivo” e “deficiência auditiva” já foram usados ao longo da história do campo social e educacional, por isso foram incluídos nos descritores. Com esse protocolo mapeamos, ao todo, 124 textos, compreendendo as modalidades de relato de experiência e comunicações científicas, sendo estudos práticos e teóricos. Os textos foram analisados, indexados e adicionados ao REPEMI. Observa-se na figura 1 que, além dos arquivos para download, disponibilizamos informações sobre campo de pesquisa abordado no texto, nível de ensino, local de publicação e título.

Figura 1: Layout do REPEMI⁵

The screenshot shows the REPEMI website interface. At the top, there are navigation links: 'Sobre o REPEMI', 'Surdez', and 'Outras áreas'. Below these is a table with the following columns: 'Título do artigo', 'Campo da pesquisa', 'Nível de Ensino', 'Local de publicação', and 'Download'. The table contains five rows of data.

Título do artigo	Campo da pesquisa	Nível de Ensino	Local de publicação	Download
A educação matemática no contexto dos surdos	Realidade do aluno surdo	Ensino Médio	ENEM VIII	Baixe aqui
A primeira experiência com uma aluna surda	Números	Ensino Fundamental- anos iniciais	ENEM IX	Baixe aqui
A importância da metodologia aliada a reflexão para o ensino da matemática ao aluno surdo	Números	Ensino Fundamental- anos iniciais	ENEM X	Baixe aqui
Matemática e ciências na cidade: um projeto de ensino interdisciplinar com alunos surdos	Projeto interdisciplinar	Ensino Fundamental- anos iniciais	ENEM X	Baixe aqui
Saberes de professores que ensinam matemática para alunos surdos e o futuro professor reflexivo	Formação docente	Ensino Fundamental- anos iniciais	ENEM X	Baixe aqui

Fonte: arquivo dos pesquisadores (2021)

⁵ O REPEMI pode ser acessado por meio do link <https://sites.google.com/view/repemi>



Depois de selecionados, os trabalhos foram analisados a partir de uma ficha contendo perguntas sobre os autores, a estrutura dos artigos, os temas abordados, as experiências compartilhadas (para estudos práticos), as escolas e o público-alvo. Para este artigo trouxemos inicialmente um panorama quantitativo de todos 124 textos e, posteriormente, selecionamos os 109 estudos de caráter prático e analisamos dois dados principais: o campo da matemática predominante e o nível de ensino.

O retrato dos estudos sobre educação matemática e surdez

Dos 124 trabalhos mapeados nos três eventos, 54 foram publicados no ENEM, 20 no SIPEM e 50 no ENEMI. O primeiro estudo compartilhado por professores sobre educação matemática e surdez no período compreendido pelo mapeamento (1987 - 2020) ocorreu em 2004 na oitava edição do ENEM e tem por título “Educação matemática no contexto da surdez”. O referido trabalho descreve a experiência de um aluno que deu aula para uma turma de surdos por seis meses na Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu (BEZERRA; PEREIRA; COSTA, 2004).

Constatamos que o número de pesquisas compartilhadas nesses eventos aumentou ao longo dos anos, com destaque especial para o ápice no ano de 2020, como mostra o gráfico seguinte.

Gráfico 1: trabalhos mapeados por ano no ENEM, SIPEM e ENEMI



Fonte: elaborado pelas autoras (2021)



Aqui destacamos a importância do Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI) como espaço para discussão de experiências compartilhadas por professores sobre educação matemática e surdez. Por se tratar um evento realizado pelo GT13 da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), constituído por professores-pesquisadores que se dedicam a pesquisas dentro do campo da Diferença, Inclusão e Educação Matemática, o evento se tornou um importante e potente espaço de divulgação de práticas dentro do campo da diversidade e inclusão, em especial o campo da surdez.

Ao olhar para os estudos práticos, quanto ao nível de ensino onde as práticas são realizadas com a participação de estudantes surdos, observou-se uma abrangência de todas as modalidades de ensino, entretanto concentram-se no ensino fundamental. Esse resultado aponta para a necessidade de maiores estudos no ensino médio, ensino superior e educação de jovens e adultos.

As reivindicações da comunidade surda aqui já discutidas sinalizam que o processo de acesso, permanência e êxito às modalidades de ensino, em especial ensino médio e ensino superior, tem acontecido de forma gradativa, porém lenta. Jesus (2019) discute como a trajetória acadêmica dos surdos aconteceu em meio a obstáculos, sendo inicialmente uma escolarização voltada para o oralismo e para aquisição de habilidades básicas de leitura e escrita. Nesse cenário, muitos surdos ainda não conseguem concluir o ensino médio e quando o concluem não se sentem aptos a adentrar no ensino superior. Sobre esse contexto, Viana e Gomes (2020) afirmam que:

O aluno surdo que ingressa no Ensino Superior é um sujeito que tenta superar barreiras de comunicação, atitudinais, econômicas e sociais. É um sujeito que ao longo de sua escolaridade construiu e apropriou-se de saberes que foram construídos historicamente, possibilitando desta maneira avanços em sua escolaridade. Ingressar, permanecer e concluir um curso no Ensino Superior é um grande desafio para alunos surdos (VIANA; GOMES, 2020, p. 203).

Quanto ao campo da matemática predominante nos trabalhos mapeados, nota-se a concentração dos estudos nos campos da geometria, seguida pelo campo números e operações.

Ao olhar especificamente para os trabalhos que abordavam experiências de professores junto a estudantes surdos, observou-se predominância de investigações com foco no campo da matemática números e operações. Isso reflete a grande quantidade de estudos no ensino fundamental, além disso ressalta as dificuldades encontradas pelos



estudantes surdos ao longo da vida escolar, o que recorrentemente demandam práticas de revisão e recuperação de conteúdos por parte dos professores.

Em relação ao campo geometria, acreditamos que a predominante abordagem se deve ao fato da surdez e a visualidade possuírem grande relação. Em sua pesquisa, Sales (2013) discute a relação da visualidade, surdez e ensino de geometria. Entretanto, ressalta que “a visualidade do surdo não é algo natural, mas que se constitui num processo que precisa ser desenvolvido. Nesse sentido, a escola, na prática educacional cotidiana, pode colaborar para promover o desenvolvimento da visualidade, oferecendo subsídios para ampliar os ‘olhares’ aos sujeitos surdo” (SALES, 2013, p. 59).

Assim como um estudante ouvinte necessita ter contado com palavras emitidas por outras pessoas para adquirir sua habilidade de fala, o surdo também necessita ter contato com a comunicação visual de outros pares para construir sua habilidade visual, não se trata de algo natural.

É importante observar a existência de uma quantidade significativa de experiências compartilhadas no campo da geometria, porém é preciso estarmos atentos para não atribuir de forma direta a facilidade do estudante surdo com este campo da matemática devido a visualidade inerente a surdez.

Além disso, destaca-se a necessidade de ampliar os estudos para outros campos da matemática, sobretudo a Álgebra por dois motivos balizadores. O primeiro diz respeito ao direito que os surdos têm em aprender para além a geometria e o segundo, não menos importante, é que, ao pensar estratégias para o ensino de Álgebra com metodologias ancoradas na visualidade, estar-se-á não apenas contribuindo com surdos, mas com todos os estudantes, uma vez que, novas metodologias de ensino podem ser propostas.

Em tempo, destacamos que as pesquisas teóricas mapeadas e indexadas ao REPEMI alcançam temáticas como história da matemática e da comunidade surda, currículo, formação de professores, Língua Brasileira de Sinais, além de pesquisas bibliográficas.

Considerações Finais

Ao longo deste texto, objetivamos apresentar o processo de construção do Repositório de Pesquisas em Educação Matemática Inclusiva (REPEMI) e discutir as características predominantes nos estudos práticos que compõem o acervo. De forma singular, investigamos a quantidade de trabalhos compartilhada nos referidos eventos ao



longo da história, o nível de ensino e o campo da matemática que predominam nas experiências compartilhadas nesses eventos.

No que tange ao processo de elaboração do REPEMI, observamos seu potencial em contribuir com a maior divulgação das práticas docentes que são estabelecidas por professores que ensinam matemática para estudantes surdos, além de possibilitar consultas por outros professores de matemática que almejam trabalhar numa perspectiva inclusiva. O repositório pode também ser utilizado como fonte de novas pesquisas no campo da educação matemática e surdez.

Ao realizar análise preliminar dos trabalhos que compõem o acervo do repositório, observou-se boas perspectivas sobre o número de trabalhos compartilhados por professores-pesquisadores ao longo dos anos. Entretanto, nossa pesquisa aponta a necessidade de maiores estudos no ensino médio, superior e Educação de jovens e adultos, visto que a grande maioria dos trabalhos se concentra no ensino fundamental. Em relação ao campo da matemática predominante nas experiências, nota-se a concentração dos estudos nos campos da geometria e números.

Com esta pesquisa, ressaltamos a importância, tanto para o campo educacional quanto para o campo da pesquisa, de conhecer as investigações que são realizados por professores que ensinam matemática junto a estudantes surdos. Visto que esses trabalhos apresentam retratos das relações vivenciadas no chão da escola. Mesmo que esses professores não estejam diretamente vinculados a um programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, acreditamos que suas experiências sejam de suma importância para o avanço do campo científico, uma vez que, elas retratam o que vem acontecendo nos ambientes escolares. Desta forma, alertamos para a necessidade de maiores diálogos entre o que tem sido compartilhado por professores que ensinam matemática para estudantes surdos e o que tem sido produzido a nível de teorias que auxiliam no processo de ensino e de aprendizagem de matemática.

Referências

BEREZZA, Renata Camacho; PEREIRA, Patrícia Sândalo; COSTA, Vagner da Silva. A educação matemática no contexto da surdez. In: **Anais do Encontro Nacional de Educação Matemática**, Pernambuco, 2004.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. **Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências**. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr.2002. nº79, ano CXXXIX, Seção



1, p.23. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: setembro de 2021.

BRASIL. Lei de nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso: setembro de 2021.

JESUS, Thamires Belo de. A produção científica sobre educação de surdos: uma análise dos anais do encontro nacional de educação matemática. In: **Encontro Nacional de Educação Matemática**, Cuiabá. Anais... p. 1-13, 2019.

LERMAN, S. (2004). Relações entre Teoria e Prática na Educação Matemática: lentes diferentes. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 17 (22), p. 83-94.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores Culturais surdos: quando eles se constituem no espaço. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, nº Especial, 2006, p. 81 – 100.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SALES, Elielson Ribeiro de. **A visualização no ensino de matemática: uma experiência com alunos surdos**. 2013, 235f. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista. Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

SKLIAR, Carlos. (org.). **Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

VIANA, M, V, G; GOMES, M, R. (2020). Desafios do aluno surdo no ensino superior. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, nº 53, p. 197-214.

Recebido em: 14 / 10 / 2021
Aprovado em: 10 / 01 / 2022